

22. "Tudo seja comum a todos"

Outro aspecto que faz crescer a unidade do Corpo de Cristo é a comunhão de bens. Parece-nos talvez um nível de unidade mais baixo que o da vontade e do serviço mútuo, mas, de fato, é sobre este aspecto que os primeiros cristãos parecem ter insistido mais, enfatizando como o compartilhamento de riquezas materiais entre os membros da Igreja fosse um sinal particularmente atraente para os pagãos, talvez porque seja tanto excepcional.

Por outro lado, São Bento se refere diretamente ao exemplo da primeira comunidade de Jerusalém quando pede a pobreza a seus monges, ou melhor, a não apropriação de bens: "Que tudo seja comum a todos, como está escrito" (RB 33,6). Cita, de fato, os Atos dos Apóstolos, onde descrevem a primeira comunidade como lugar de comunhão de corações e bens: "A multidão daqueles que abraçaram a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que eram suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era comum." (At 4,32)

É significativo e impressionante como os Atos dos Apóstolos passem imediatamente da união de corações e almas para a comunhão de bens materiais. Isto revela não apenas uma consciência bem precisa da fé, mas também da natureza do homem. A fé em Cristo, se é verdadeira, muda não somente os corações e as almas, mas toda a pessoa e todas as expressões da pessoa.

O homem é revelado como um todo, como pessoa em relação, composta de espírito, alma e corpo. Por isso, não é estranho falar imediatamente de comunhão de bens quando se fala de comunhão de corações e almas, porque se ficássemos na comunhão espiritual, não apenas se limitaria o valor e o influxo da fé na vida, mas também reduziriam o homem, se cortaria o homem em pedaços, reduzindo a sua natureza e identidade.

Esta abordagem se torna ainda mais clara e explícita na Regra de São Bento, em particular no capítulo 33, que mencionei acima: «É absolutamente necessário extinguir radicalmente do mosteiro este vício [de apropriar-se das coisas], para que ninguém ouse dar ou receber nada sem a permissão do abade, nem acredite que tenha algo de próprio, absolutamente nada (...), já que não lhes é lícito ter a seu arbítrio nem o corpo nem a vontade; porém todas as coisas necessárias devem esperar do pai do mosteiro, e não seja lícito a ninguém possuir o que o Abade não tiver dado ou permitido. Seja tudo comum a todos, como está escrito, nem diga ou considere própria qualquer coisa (At 4,32).» (RB 33,1-6)

Para a sensibilidade de hoje, estas palavras são, no mínimo, inaceitáveis. Como se pode não considerar abuso de poder o fato de negar às pessoas o direito à liberdade de querer e o direito à propriedade dos próprios bens? Não são estas as características de todo regime totalitário?

Na realidade, São Bento, no seguimento de Jesus, deseja nos introduzir em uma experiência de liberdade e de possessão muito maior do que a oferecida pelo mundo. Sua preocupação é sermos verdadeiramente livres e verdadeiramente felizes. E é pela fé em Cristo, que renunciou a sua vontade para obedecer ao Pai até a morte e se deixou despir de tudo até da vida, que Bento toma a consciência que não se pode ser

verdadeiramente livres e ter uma relação correta com as coisas e as pessoas se não através da caridade, se não através de um presente gratuito.

Mas para entender isto, São Bento sabe que é necessário fazer experiência. Como se pode entender que "há mais alegria em dar do que receber", como São Paulo faz Jesus dizer (cf. At 20, 35), se não se faz experiência? A alegria nunca é um fruto do raciocínio ou o resultado de um processo calculado. É sempre uma surpresa. Aquilo, porém, que podemos receber dos outros, especialmente dos santos, é o testemunho de que a alegria está ligada a um certo tipo de experiência e, portanto, as escolhas que nos permitem fazê-la. Jesus e os santos nos testemunham em particular que "há mais alegria em dar do que receber". Nos convidam a fazer experiência deste "dar" para descobrir uma plenitude de vida que, de outra forma, seria impossível. No fundo, toda a Regra de São Bento, guiada pelo Evangelho, é um convite a fazer um certo tipo de experiência, a fazer um certo tipo de caminho, prometendo-nos uma alegria que podemos experimentar agora e que será plena no céu.

São Bento é muito rígido quanto à propriedade das coisas, mesmo que pequenina, como uma "caneta - *graphium*" (RB 33,3), comparável hoje a uma caneta esferográfica de plástico, que custa dois centavos, ou melhor: dão grátis. Três vezes a Regra usa a expressão duríssima "*radicitus amputare* - cortar pela raiz" (cf. RB 2,26; 33,1; 55,18), referida aos vícios dos monges que o abade deve extirpar como as ervas daninhas que, se não forem cortadas pela raiz, sempre voltarão a aparecer. E praticamente toda vez se trata do vício de empossar-se das coisas, de querer possuir para si.

Por que esta severidade? O desejo de São Bento não é de fazer justiça, de nos fazer respeitar a lei, mas de nos libertar de algo que aprisiona o nosso coração e que nos torna infelizes. São Bento é apaixonado pela nossa felicidade. Se é exigente e severo, é só por isso. Ele nos quer bem, quer o nosso verdadeiro bem. As coisas que não possuímos para o bem de todos sufocam nosso coração, atam nossa liberdade, impedindo-as de se tornarem amor. O que seguramos em nossas mãos fechadas nos impede de dar vida, de ser verdadeiramente vivos. A posse fechada em nós mesmos, de qualquer bem, é como uma lápide sobre nossa vida e sobre a nossa liberdade de amar. Nos enterramos vivos sob os bens materiais. E permanecemos sozinhos, não formamos unidade com os outros. O uso e a posse egoísta dos bens se torna um muro que nos separa dos outros.

É como os muros que o egoísmo dos poderosos de hoje quer construir para não compartilhar o bem-estar com os povos mais pobres. Idealmente, é necessária a mesma quantidade de tijolos e cimento para construir muros ou para construir pontes. Mas os muros se constroem quando alguém diz "o meu cimento" e "os meus tijolos". As pontes, ao invés, quando o mesmo cimento e os mesmos tijolos, os colocamos a disposição com quem está do outro lado, dizemos "nossos" com eles, os colocamos a serviço de um trabalho coletivo, solidário, para que também os bens materiais se transformem em instrumentos de comunhão, de encontro, de unidade, para o bem e a alegria de todos, sobretudo de quem doa, em vez de querer sempre e somente receber, e possuir para si.